

APROFUNDAMENTO DA FICHA 6

6. Não uma análise sobre si mesmo, mas uma correspondência às exigências do coração

O cristianismo é a surpresa do olhar de Alguém que aposta em mim, que “conhece as minhas traições e que, no entanto, me ama, me estima, me abraça, me chama de novo, espera em mim, espera algo de mim” (Papa Francisco, 7 de março de 2015). Só uma presença é capaz de conquistar o nosso íntimo, até colocá-lo em movimento e fazê-lo desejar mudar. Nesse olhar tudo se torna diferente, mais vivo, mais verdadeiro: as férias, o estudo, um campeonato de futebol, o gesto do fundo comum, uma música...

Na ponte do feriado do dia de finados, decidi com os meus amigos, mais velhos e mais novos, fazer umas férias de estudo na minha casa de campo. Assim que chegamos, no primeiro dia, senti-me triste, como se faltasse alguma coisa: falta, desgosto e raiva pelo facto de os amigos mais novos não estarem a estudar bem e haver pouco cuidado com a arrumação da casa.

Falei disto e do desagrado que sentia com um grande amigo meu que estava comigo nas férias: tal como eu, também ele sentia as mesmas dificuldades, então recomeçamos juntos, tendo presente realmente, na mente e no coração, a afeição que existia por aquele grupo de amigos.

Assim, com essa atenção, preparamos o jantar para eles e para um professor nosso que vinha passar dois dias conosco. Durante o jantar eu estava contente: tinha notado que algo tinha mudado, entre nós estava em ação um verdadeiro encontro. Assim foi nos dias seguintes, cada vez mais profundamente: um grupo de amigos que tinham escolhido estar ali juntos, perguntando-se sobre o porquê deste estarmos juntos cada vez mais fecundo.

Aqueles dias que passamos juntos foram a reconfirmação de uma afeição a uma presença, Cristo, à qual estou ligado, que eu amo e a quem confio tudo, porque, sentindo uma aposta grande em mim, empenho-me. E foi mais uma reconfirmação do valor humano desta amizade, da comunidade, que me acompanhou no caminho para chegar a uma séria e total abertura para a realidade. Uma abertura que ainda hoje me comove por esta forma de vivermos intensamente o real juntos e de nos ajudarmos na recondução a essa consciência de viver sempre à altura desta afeição.

Tendo voltado das férias, sentia o desejo de entender o que tinha acontecido. Para mim foi voltar aos meus passos para entender o que realmente estava na base daquilo que até aquele momento tinha acontecido em mim.

E o meu maior desejo, a minha mais profunda exigência, o único resgate que me dá um motivo real quando a minha ferida humana fica dramaticamente aberta é o seguinte: a confirmação do “abraço daquilo que o coração espera”, da aposta que Cristo faz todos os dias em mim e que põe em jogo a minha liberdade de homem.

Simone, Milão

Depois da missa, encontrámo-nos em Portofranco. Almoçando sanduíches e pizzas comprados rapidamente, vamos conversando. O tema era a inscrição na Escola de Comunidade. O Stefano diz: “Percebi que, pagando a inscrição, me dei conta de pertencer a esta companhia”. O Andrea, seu amigo, sublinha que para ele esta comunidade é tudo e portanto vale »

» a pena dar também um pouco das próprias economias. Aqui, o Pe. Pigi pergunta: “Mas eu sustento o Movimento com este dinheiro que ofereço porque me é simpático ou porque lhe dou a vida?”. O Guglielmo é rápido e conciso: “Através desta inscrição eu aposto tudo. Por aqui passa o desejo de poder dar tudo àquilo que me deu tudo”. O Pe. Pigi conclui, sem encerrar: “Poucas pessoas nos tornam livres de julgar, de olhar os nossos desejos. O fundo comum e a inscrição na Escola de Comunidade, a que desejo respondem? Muitas vezes pensamos que o mundo é injusto. Existem aqueles para quem corre sempre tudo bem, e aqueles que pagam sempre as consequências disso. Mas então: haverá justiça algum dia? Atenção: a justiça pode ser reduzida a poder, ou seja, à afirmação de si e nisto cabe o uso do dinheiro, como instrumento de afirmação para esmagar os outros. O fundo comum, pelo contrário, lembra-te que o dinheiro não é instrumento para afirmar-se e que a justiça só é tal quando o bem do outro é o meu bem. Que grande e bela responsabilidade nós temos! Este pequeno gesto serve para nos educar. Participar nisto significa iniciar a construir e salvar o mundo”.

Tommaso, Milão (de *O que se faz para não “ir levando”*, passos.tracce.it)

“O protagonista do Panda Kung Fu conseguia fazer coisas extraordinárias porque era sustentado pela aposta que o mestre Shifu tinha feito nele, apesar dos seus defeitos e das suas trapalhadas. Shifu tinha vislumbrado no panda um potencial justamente pelo empenho que dedicava às coisas aparentemente mais pequenas, mas que ele mais desejava: os biscoitos. Assim é a aposta de Cristo em nós” (<https://www.youtube.com/watch?v=A7I7Qn2maz8>
<https://www.youtube.com/watch?v=1Hu-Vc0IG7A>)

Com este exemplo, o Pe. Pigi dirigiu-se a nós durante a assembleia do dia 20 de novembro, e nesse exemplo pude identificar-me precisamente esta semana, quando fiquei “de espacate aberto a três metros de altura” sem ter tempo para me aperceber.

Na noite de quarta-feira eu estava a ver os jogos do Memorial Cucciolo, um torneio de futebol que organizei em memória do meu pai, que, tal como eu agora, fazia parte da amizade dos Liceus. Enquanto jogavam uma partida muito acirrada, levantei rapidamente o olhar e olhei para o que estava ao meu redor: amigos sinceros que jogam, torcem e apitam, tomando parte de um gesto muito significativo para mim. Naquele momento foi evidente que a beleza que tinha à frente, aquele “a três metros do chão” em que estava não se devia a um mérito meu ou a uma habilidade particular minha na organização de campeonatos de futebol; só era possível porque alguém tinha apostado em mim e no meu desejo. Com efeito, lembrei-me de um amigo mais velho que tinha ido para além da minha falta de vontade, da minha agitação, das minhas trapalhadas, e tinha entrevisto o que eu desejava, tinha intuído aquilo de que eu sentia “fome”.

Isto não significa que, desde o momento em que aquele amigo apostou em mim, de repente passei de panda a leão; muito pelo contrário, as agitações e as dificuldades continuaram, mas todas as coisas que eu não tinha vontade de enfrentar e que mais me intimidavam (desde reservar os campos até garantir que todos os jogadores se apresentassem; desde deixar em ordem os vestiários até ter de parar todas as quartas-feiras para assistir aos jogos), eu as fazia perguntando-me sempre o motivo por que as estava a fazer e fazendo sempre memória do apoio da aposta que aquele meu amigo mais velho tinha feito em mim.

“O início de uma moralidade humana é um ato de amor. É por isso que se exige uma presença, a presença de alguém que impressione a nossa pessoa, que reúna todas as nossas forças e as solicite atraindo-as a um bem desconhecido e ainda assim desejado e esperado: aquele bem que é Mistério” (D. Giussani, citado na [Escola de Comunidade, ficha n. 6](#)).

Alessandro, Milão »

» “Não uma análise sobre si mesmo, mas uma correspondência às exigências do coração”: na música *Ovunque proteggi*, Vinicio Capossela fala de alguém que erra, que está submerso na sua dor, e mesmo assim desponta um “tu” que ama o seu coração e, então, todos os seus erros. É isto o que gera a ética nova de que fala a Escola de Comunidade, porque, também na minha vida, é só um olhar que é capaz de tocar cada aspeto e de mudar o comportamento humano perante cada ação.

“Desculpa-me se pequei, / desculpa-me se errei. / Se não estive presente, / se não voltei. // Mas proteje ainda a graça do meu coração, / agora e quando voltar o tempo... // O tempo para partir, / o tempo de ficar, / o tempo de deixar, / o tempo de abraçar.”

Tiziana, Milão